

A HERANÇA LITÚRGICA DO CONCÍLIO DE  
NICEIA: A CENTRALIDADE DE CRISTO NO  
CULTO

*The Liturgical Legacy of The Council of Nicaea:  
The Centrality of Christ in Worship*

## **Túlio Silveira Andrade**

Graduando em Teologia pela FABAT; Graduando em Música pela FABAT.

## **Mariane de Carvalho Godoi Lopes**

Mestranda em Ensino - UERJ; Pós-graduação em Voz Profissional - UNYLEYA; Pós-graduação em Gestão do Ministério de Adoração e Arte; Bacharel em Teologia e Licenciatura em Música - FABAT.

## **Elildes Junio Macharete Fonseca**

Doutor em Teologia pela PUC-Rio; bacharel e mestre em Teologia pelo Seminário do Sul; licenciado em Letras (português/grego) pela UFF; graduado em Liderança Avançada pelo Haggai.

**Como citar este artigo:** ANDRADE, Túlio.; GODOI, Mariane.; FONSECA, Elildes. A herança litúrgica do Concílio de Niceia: a centralidade de Cristo no culto. Revista Brasileira de Teologia. ISSN 1807-7056 | Nº 14 | JUN/DEZ. DE 2025.

## RESUMO

Este artigo investiga a influência do Concílio de Niceia (325 d.C.) sobre a liturgia cristã, com enfoque na centralidade de Cristo como objeto de adoração. Por meio de uma abordagem histórico-teológica, analisam-se as controvérsias cristológicas do período pré-niceno, as decisões dogmáticas e litúrgicas do concílio e sua repercussão nas práticas de culto ao longo da história da Igreja. As fontes incluem documentos conciliares, textos patrísticos, estudos contemporâneos e literatura especializada em liturgia e cristologia. Argumenta-se que a definição de Cristo como *homoousios* com o Pai consolidou não apenas a ortodoxia doutrinária, mas também uma liturgia centrada em Cristo, impactando profundamente a adoração cristã até os dias atuais. Este estudo evidencia que a herança nicena permanece vital para a reflexão sobre a cristologia da liturgia contemporânea.

**Palavras-chave:** Concílio de Niceia. Liturgia. Cristologia. Culto cristão. Credo niceno.

## ABSTRACT

This article investigates the influence of the Council of Nicaea (A.D. 325) on Christian liturgy, focusing on the centrality of Christ as the object of worship. Through a historical-theological approach, it examines the Christological controversies of the pre-Nicene period, the dogmatic and liturgical decisions of the council, and their impact on worship practices throughout Church history. The sources include conciliar documents, patristic texts, contemporary studies, and specialized literature on liturgy and Christology. It argues that the definition of Christ as *homoousios* with the Father consolidated not only doctrinal orthodoxy but also a Christ-centered liturgy, profoundly shaping Christian worship to this day. This study demonstrates that the Nicene heritage remains vital for reflecting on the Christology nature of contemporary liturgy.

**Keywords:** Council of Nicaea. Liturgy. Christology. Christian worship. Nicene Creed.

## 1. INTRODUÇÃO

A história do culto cristão revela uma tensão contínua entre diversidade prática e unidade teológica. Desde os primeiros séculos, as comunidades cristãs buscavam adorar Cristo em sua plena divindade, mas essa centralidade enfrentava desafios decorrentes da dispersão geográfica, das perseguições e das interpretações teológicas divergentes. As práticas litúrgicas (leitura das Escrituras, cânticos cristológicos, orações e celebrações comunitárias) variavam consideravelmente entre Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Roma e outras regiões, refletindo contextos culturais distintos e situações de risco que moldavam a experiência de adoração.<sup>1</sup>

Nesse cenário de pluralidade litúrgica, o Concílio de Niceia, realizado em 325 d.C., surge como um marco decisivo na história da Igreja, não apenas para resolver questões doutrinárias, mas também, consequentemente, para consolidar uma liturgia centrada em Cristo. Convocado pelo imperador Constantino, o concílio tinha como objetivo restaurar a unidade da Igreja frente às divisões internas, especialmente a controvérsia ariana, que questionava a divindade do Filho e ameaçava a legitimidade da adoração cristã.<sup>2</sup> As decisões de Niceia transcenderam o campo doutrinário, influenciando diretamente a prática litúrgica: o Credo, o calendário da Páscoa e a postura corporal durante o culto dominical foram estruturados de forma a assegurar que Cristo permanecesse no centro da adoração.<sup>3</sup>

O objetivo deste estudo é compreender como as deliberações de Niceia impactaram a liturgia cristã, reafirmando a centralidade de Cristo como objeto de adoração. A formulação do Credo Niceno estabeleceu uma herança litúrgica duradoura, orientando práticas de adoração, leitura bíblica, cânticos e celebração sacramental, e consolidando um padrão cristocêntrico que se mantém relevante na contemporaneidade.

Ao longo do artigo, busca-se demonstrar que o Concílio de Niceia não apenas definiu a ortodoxia cristológica, mas também estruturou uma liturgia coerente e cristocêntrica, oferecendo à Igreja princípios litúrgicos, doutrinários e pastorais que permanecem vitais para a adoração contemporânea. Essa investigação enfatiza a inseparabilidade entre confissão doutrinária e prática litúrgica, mostrando que a

---

<sup>1</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception**. 2025, p. 38–43.

<sup>2</sup> McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: Uma Introdução**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 57.

<sup>3</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception**. 2025, p. 45.

centralidade de Cristo no culto é resultado de decisões históricas cuidadosamente articuladas, mas que continuam a orientar a experiência de fé das comunidades cristãs até os dias atuais.

## 2. O CONTEXTO HISTÓRICO E AS CAUSAS DO CONCÍLIO DE NICEIA

### 2.1 A Igreja pré-nicena

Antes do século IV, a Igreja cristã vivia um período de intensa diversidade geográfica, cultural e litúrgica. As comunidades eram frequentemente pequenas, reunindo-se em casas particulares, catacumbas ou locais discretos, adaptando suas práticas de culto às circunstâncias locais e às limitações impostas pelas perseguições.<sup>4</sup> Mesmo nessas condições adversas, a adoração já apresentava uma forte dimensão cristocêntrica, com reconhecimento explícito de Cristo como mediador entre Deus e os fiéis. A leitura das Escrituras, os cânticos cristológicos e a Eucaristia constituíam o núcleo da vida litúrgica, embora ainda não existisse uniformidade doutrinária ou litúrgica entre as comunidades.<sup>5</sup>

As perseguições, especialmente durante os reinados de Diocleciano e Galério, tiveram efeito profundo na formação da consciência comunitária e na configuração do culto. A necessidade de reunir-se secretamente fortaleceu o sentido de pertencimento e a centralidade de Cristo como foco da adoração, mesmo quando as práticas precisavam ser discretas.<sup>6</sup> Documentos patrísticos, como as Apologias de Justino Mártir e o Didaquê, evidenciam que, mesmo em contextos de repressão, a Eucaristia, a oração e o ensino cristológico já ocupavam lugar central no culto, mostrando que a cristologia não era apenas teológica, mas prática, estruturando a adoração cotidiana da comunidade.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> *Ibid*, p. 32-34.

<sup>5</sup> INTERNATIONAL THEOLOGICAL COMMISSION. **The Commission on Synodality: Synthesis and Historical Perspectives**. Vatican City, 2021. p. 14-16.

<sup>6</sup> SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 140.

<sup>7</sup> MÁRTIR, Justino. **I e II apologias**: diálogo com Trifão (Patrística). São Paulo: Paulus, 2014. p. 58-60; ROBERTS, Alexander. *Didache: The Teaching of the Twelve Apostles*, c. 9-10. Disponível em: <https://www.earlychristianwritings.com/text/didache-roberts.html>. Acesso em 31 out. 2025.

## 2.2 Controvérsias cristológicas e a crise ariana

Com a expansão e a consolidação do cristianismo, surgiram tensões internas que ameaçavam a unidade doutrinária e litúrgica. Entre as mais relevantes, destacou-se a controvérsia ariana. Ário<sup>8</sup>, presbítero de Alexandria, defendia que o Filho, embora sublime e próximo de Deus, não era coeterno nem consubstancial ao Pai. Essa posição, que buscava uma lógica racional diante da complexidade da Trindade, colocava em questão a legitimidade da adoração a Cristo: se o Filho não fosse plenamente Deus, como poderia ser objeto de adoração verdadeira e total?<sup>9</sup>

O impacto dessa controvérsia sobre a prática litúrgica era imediato e profundo. Em algumas regiões, as comunidades passaram a moderar ou até omitir expressões da divindade de Cristo em orações, cânticos e hinos; em outras, a linguagem trinitária se afirmava vigorosamente, reforçando a adoração plena ao Filho.<sup>10</sup> Essa fragmentação mostrava que, além de uma disputa teológica, a controvérsia ariana gerava tensão litúrgica, colocando em risco a unidade da fé cristã e o exercício da adoração. Alister McGrath, em sua sistemática, observa que a crise ariana ameaçava a ortodoxia entre as igrejas da época, o que impulsionou Niceia a propor uma resposta cristológica concreta.<sup>11</sup>

A controvérsia ariana, portanto, funcionava como contraponto dramático para a necessidade de unificação: a falta de consenso sobre a natureza de Cristo produzia não apenas debates intelectuais, mas também riscos práticos, como liturgias fragmentadas e confissões divergentes dentro de uma mesma região. Essa realidade evidenciava que a centralidade de Cristo no culto não poderia ser apenas uma preferência teológica; precisava ser institucionalizada e incorporada em normas litúrgicas compartilhadas, reforçando a necessidade de um concílio ecumênico que estabelecesse padrões claros.

## 2.3 A intervenção imperial e a convocação do concílio

---

<sup>8</sup> Ário (256-336 d.C) foi presbítero de Alexandria, de origem provavelmente líbia, formado sob influência da escola de Antioquia. Sua doutrina sustentava que o Filho, embora sublime, fora criado pelo Pai “do nada” (*ex nihilo*), e, portanto, não compartilhava da mesma substância divina. Essa visão buscava preservar a transcendência absoluta de Deus, mas acabou negando a plena divindade de Cristo, o que levou à controvérsia ariana e à convocação do Concílio de Niceia, em 325 d.C. (WIKIPÉDIA. *Ário*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rio>. Acesso em: 31 out. 2025.)

<sup>9</sup> McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: Uma Introdução**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 414-417.

<sup>10</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception**. 2025, p. 37-39.

<sup>11</sup> McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: Uma Introdução**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 416-417.

Diante da instabilidade religiosa e social que a controvérsia ariana provocava, o imperador Constantino interveio politicamente, convocando o primeiro concílio ecumênico em Nicéia, na Bitúnia, em 325 d.C. A motivação imperial combinava interesse político e pastoral: garantir a unidade do império e, ao mesmo tempo, criar um fórum para resolver disputas teológicas que ameaçavam a coesão da Igreja.<sup>12</sup>

O concílio enfrentou simultaneamente a crise ariana, a necessidade de padronizar a celebração da Páscoa, a disciplina litúrgica (incluindo a postura corporal nos domingos e nas celebrações) e a função do bispo como guardião da fé e da liturgia.<sup>13</sup> Ao integrar decisões teológicas, litúrgicas e pastorais, Niceia não apenas unificou a doutrina sobre Cristo, mas consolidou uma prática litúrgica coerente, centrada na adoração de Cristo e orientada para a unidade comunitária.<sup>14</sup> A crise ariana, portanto, funcionou como o contraponto essencial que justificou a intervenção conciliar, mostrando que a centralidade de Cristo no culto depende de definição doutrinária e de orientação litúrgica coordenada.

### 3. O CULTO CRISTÃO PRÉ-NICENO

Antes de 325 d.C., o culto cristão apresentava uma diversidade notável, refletindo o contexto sociocultural, geográfico e político das primeiras comunidades. As igrejas se espalhavam entre centros urbanos como Jerusalém, Antioquia, Alexandria e Roma, cada uma com características próprias, influenciadas tanto pelas tradições judaicas quanto pelo ambiente helenista.<sup>15</sup> Apesar dessa variedade, havia um traço comum que unia todos os cristãos: a adoração centrada em Cristo. Mesmo em meio às perseguições e à ausência de uma estrutura litúrgica uniformizada, a confissão “Jesus é o Senhor” (1Co 12.3) permeava a vida de culto e consolidava a identidade cristã. Essa centralidade de Cristo não era apenas uma formulação doutrinária, mas uma realidade experiencial expressa nas leituras, nas orações, nos cânticos e nas celebrações comunitárias.<sup>16</sup>

#### 3.1 Estrutura das reuniões litúrgicas

---

<sup>12</sup> SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 140.

<sup>13</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea**: Background and Reception. 2025, p. 34–37.

<sup>14</sup> *Ibid.*

<sup>15</sup> KELLY, J. N. D. **Early Christian Doctrines**. 2. ed. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1960. p. 17-19.

<sup>16</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea**: Background and Reception. 2025, p. 35–36.

As reuniões cristãs dos primeiros séculos, muitas vezes realizadas em casas ou catacumbas, seguiam um padrão simples, mas teologicamente significativo. A leitura das Escrituras ocupava o lugar central. Textos dos Evangelhos, das cartas paulinas e de outros escritos apostólicos eram proclamados em voz alta, seguidos de breves explicações ou exortações dos presbíteros. Essa leitura não era meramente informativa, mas formativa: por meio dela, a comunidade reconhecia a autoridade de Cristo e reafirmava sua fé em sua divindade e senhorio. Mesmo sem um lecionário fixo, a ênfase na pessoa e obra de Cristo se tornava o eixo da interpretação bíblica.<sup>17</sup>

A oração comunitária também constituía elemento fundamental do culto. Os cristãos oravam a Deus Pai por meio de Cristo, num modelo trinitário que começava a se delinear nas fórmulas devocionais e bênçãos registradas em escritos como a *Didaquê*, em especial, que descreve de modo vívido as preces que antecediam e sucediam a refeição eucarística, evidenciando uma estrutura litúrgica que, embora flexível, já expressava uma teologia cristocêntrica: Cristo era o mediador e o motivo da gratidão. Essas orações comunitárias, frequentemente improvisadas, refletiam a espontaneidade do culto, mas também revelavam um padrão teológico de adoração direcionada ao Cristo divino e redentor.<sup>18</sup>

O momento da refeição, mais tarde denominada Eucaristia, reunia os fiéis em torno da memória e da comunhão. Embora suas formas variassem entre as comunidades, o propósito era o mesmo: celebrar a presença e a obra de Cristo. Mesmo sem uniformidade ritual, a celebração eucarística expressava a fé na encarnação, morte e ressurreição do Senhor. O simbolismo da mesa, o partir do pão e o compartilhar do cálice eram compreendidos como sinais da unidade do corpo de Cristo, ligando a comunidade terrestre à esperança escatológica do banquete celestial.<sup>19</sup>

Por fim, os hinos e cânticos cristológicos formavam a moldura espiritual e emocional do culto. Com base em tradições judaicas de salmodia e cântico responsorial, as comunidades cristãs criavam composições próprias, nas quais exaltavam a divindade de Cristo, sua encarnação e sua vitória sobre a morte. Trechos como Filipenses 2.6–11 e Colossenses 1.15–20, considerados hinos primitivos, mostram como a cristologia já era

---

<sup>17</sup> KELLY, J. N. D. **Early Christian Doctrines**. 2. ed. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1960. p. 36-38.

<sup>18</sup> ROBERTS, Alexander. **Didache**: The Teaching of the Twelve Apostles, c. 9-10. Disponível em: <https://www.earlychristianwritings.com/text/didache-roberts.html>. Acesso em 31 out. 2025.

<sup>19</sup> PAPANDREA, J. L. **Reading the Early Church Fathers**: From the Didache to Nicaea. Nova Iorque: Paulist Press, 2012. p. 42-46.

cantada antes de ser sistematizada. O louvor, portanto, não apenas expressava fé, mas também ensinava: era veículo de doutrina e meio de preservação da ortodoxia em meio à diversidade de interpretações.<sup>20</sup>

### 3.2 Diversidade e desafios litúrgicos

Apesar da vitalidade espiritual, a pluralidade litúrgica do cristianismo primitivo trazia consigo desafios teológicos significativos. A ausência de uniformidade doutrinária e ritual abria espaço para interpretações divergentes acerca da natureza de Cristo. Em algumas comunidades, prevaleciam tendências subordinacionistas, nas quais o Filho era compreendido como inferior ao Pai; em outras, Cristo já era plenamente adorado como Deus verdadeiro, coeterno e consubstancial ao Pai.<sup>21</sup> Essa tensão cristológica se refletia diretamente na prática de culto: onde a doutrina era frágil, a liturgia também se tornava confusa e incoerente.

A necessidade de definir de modo claro quem era Cristo e, conseqüentemente, como Ele deveria ser adorado, foi se tornando cada vez mais urgente à medida que o cristianismo se expandia e ganhava visibilidade pública. A diversidade, que inicialmente expressava flexibilidade missionária e adaptação cultural, começou a gerar fragmentação e insegurança teológica. Como observa Kelly, as controvérsias pré-nicenas revelaram que, sem uma confissão comum, a liturgia corria o risco de perder sua função formadora e unificadora.

Dessa forma, o Concílio de Niceia não surgiu apenas como resposta a um debate intelectual sobre a natureza de Cristo, mas como uma tentativa de restaurar a coerência entre cristologia e culto. Assim, o concílio não inventou uma nova forma de culto, mas consolidou e uniformizou uma tradição que já existia, garantindo que a fé confessada e a fé celebrada caminhassem juntas.

## 4. AS DECISÕES CRISTOLÓGICAS DE NICEIA

O Concílio de Niceia não apenas respondeu à controvérsia ariana, mas consolidou a cristologia ao afirmar que o Filho é coeterno e consubstancial com o Pai (*homoousios*), legitimando a adoração cristocêntrica e estabelecendo uma base para a prática litúrgica

---

<sup>20</sup> *Ibid*, p. 43-45.

<sup>21</sup> KELLY, J. N. D. **Early Christian Doctrines**. 2. ed. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1960. p. 48-51.

futura.<sup>22</sup> As decisões conciliares refletiam a urgência de harmonizar fé e culto, garantindo que a confissão de Cristo como verdadeiro Deus permeasse a vida das comunidades, transformando a adoração em uma expressão coerente e teologicamente fundamentada.

#### 4.1 Credo Niceno e a liturgia

O Credo Niceno<sup>23</sup> (também chamado de Símbolo Niceno; posteriormente, Credo Niceno-Constantinopolitano) constitui o núcleo doutrinário e litúrgico do concílio. Nele se afirma: “O Filho é Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, da mesma substância do Pai, por meio de quem todas as coisas foram feitas.” Essa formulação teve impacto profundo no culto cristão. Antes de Niceia, a cristologia era proclamada de formas variadas, ora implicitamente, ora por meio de hinos e leituras, mas sem uniformidade. A formalização do Credo proporcionou um padrão comum de confissão, funcionando como instrumento pedagógico e litúrgico ao mesmo tempo. Assim, esse símbolo se tornou elemento de unidade litúrgica e teológica, consolidando a centralidade de Cristo na adoração e educando a comunidade sobre a sua divindade, missão redentora e relação com o Pai.<sup>24</sup>

O Credo Niceno passou a ser recitado de forma sistemática durante o culto, consolidando-se como ferramenta fundamental para educar a comunidade na confissão correta de Cristo. Ele não apenas promovia unidade doutrinária, garantindo coerência entre diferentes regiões e contextos, mas também funcionava como exercício de adoração, transformando a confissão em prática ritual, na qual a centralidade de Cristo era vivida de modo concreto. A recitação do Credo orientava leituras bíblicas, hinos e pregações,

---

<sup>22</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception.** 2025, p. 32–34.

<sup>23</sup> “Cremos em um só Deus, Pai onipotente (*pantocrator*), criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Cremos em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai desde toda a eternidade, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai (*homoousion to patri*); por Ele todas as coisas foram feitas. Por nós e para nossa salvação, desceu dos céus; encarnou por obra do Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e fez-se verdadeiro homem. Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; sofreu a morte e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; subiu aos céus, e está assentado à direita do Pai. De novo há de vir em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Cremos no Espírito Santo.

Com referência àqueles que dizem que “o mundo já existia antes dEle” e que “antes de haver nascido Ele não existia” e que “Ele veio a existir a partir do nada”, ou, ainda, que afirmam que o Filho de Deus não possui a mesma substância ou natureza de Deus, ou que Ele está sujeito à alteração ou mudança – a igreja católica e apostólica os condena.”

<sup>24</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception.** 2025, p. 36–38.

pois cada elemento do culto deveria refletir e afirmar a divindade do Filho, tornando a cristologia o eixo que estruturava a experiência litúrgica e a formação da fé comunitária.<sup>25</sup>

A importância do Credo não se restringiu à dimensão verbal. Ele estruturou práticas litúrgicas, orientando orações, cânticos e gestos da comunidade. Cada proclamação do Credo era um ato de adoração, um momento em que a fé se manifestava corporal e espiritualmente, reafirmando que Cristo é o centro da confissão e da prática litúrgica. Nesse sentido, o Credo tornou-se mais do que um texto; foi incorporado como guia de toda experiência de culto, moldando a percepção da presença e do papel de Cristo na vida da Igreja.<sup>26</sup>

Em suma, o Credo não era apenas uma declaração teológica, mas um instrumento litúrgico que unia ensino, adoração e coerência na prática da fé, assegurando que Cristo permanecesse o centro do culto.

#### **4.2 Fixação da Páscoa e disciplina litúrgica**

Além do Credo, o concílio estabeleceu outras medidas litúrgicas que reforçavam a cristologia prática. A decisão do Concílio de Niceia de padronizar a data da celebração da Páscoa respondeu a uma realidade concreta de fragmentação litúrgica entre as comunidades cristãs dos primeiros séculos. Diversas igrejas celebravam a ressurreição de Cristo em datas distintas, muitas vezes vinculadas diretamente ao calendário judaico, especialmente à Pessach.<sup>27</sup> Essa diversidade, embora historicamente compreensível, produzia descontinuidade na experiência eclesial, enfraquecendo o caráter universal de uma das principais festas cristãs.<sup>28</sup>

Ao estabelecer um critério comum para a celebração pascal, o concílio não realizou apenas uma reorganização do calendário, mas instituiu um gesto de profunda densidade teológica. A unificação da data da Páscoa passou a funcionar como eixo estruturante do tempo litúrgico cristão, colocando a ressurreição de Cristo no centro da organização simbólica e espiritual da vida da Igreja. Assim, a questão cronológica passa

---

<sup>25</sup> *Ibid*, p. 36–38.

<sup>26</sup> *Ibid*, p. 37-39.

<sup>27</sup> *Pessach*, também conhecida como “Festa da Libertação”, é uma celebração predominantemente judaica que celebra a história bíblica da libertação dos hebreus da escravidão do Egito. (WIKIPÉDIA. *Pessach*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pessach>. Acesso em: 30 nov. 2025.)

<sup>28</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception**. 2025, p. 38.

a ser teologicamente configurada pela vitória do Ressuscitado, unificando a memória e a prática dos fiéis em torno do mesmo evento salvífico.

#### **4.3 Proibição da genuflexão aos domingos e no período pascal**

A norma conciliar que proibia o ajoelhar-se aos domingos e durante o período pascal possui igualmente uma forte intencionalidade teológica. No cristianismo antigo, a postura corporal estava profundamente integrada à experiência de fé, funcionando como uma linguagem silenciosa que ensinava, moldava e expressava a doutrina vivida pela comunidade.<sup>29</sup>

Ao impedir a genuflexão<sup>30</sup> nesses momentos específicos, o Concílio de Niceia pretendia formar na expressão corporal dos fiéis uma pedagogia da ressurreição. O domingo, compreendido como o Dia do Senhor, e o tempo pascal eram experimentados como antecipações litúrgicas da vitória definitiva de Cristo. Permanecer em pé, em vez de prostrar-se, tornava-se, portanto, um sinal visível de que a Igreja não se relaciona com Deus apenas a partir da lógica da culpa e da queda, mas a partir da participação no triunfo do Ressuscitado.<sup>31</sup>

Essa disciplina corporal ensinava silenciosamente que o cristão não vive primordialmente na postura de quem ainda espera pelo perdão, mas de quem já foi elevado pela obra redentora de Cristo. O corpo, assim, é educado a confessar a fé: não mais curvado sob o peso da morte, mas erguido como sinal da nova vida inaugurada pela ressurreição.<sup>32</sup> Desse modo, a cristologia definida em palavras no Credo encontrava sua extensão concreta na linguagem do gesto durante o culto.

#### **4.4 Controvérsias e negociações internas**

O Concílio de Niceia não foi homogêneo nem desprovido de tensão. Disputas sobre a formulação do Credo e a posição de Ário geraram debates intensos, evidenciando

---

<sup>29</sup> SANTOS, Davi M. **A sacralidade do corpo na liturgia**. Anais Eletrônicos da XXVIII Semana Teológica da Unicap. Recife, 2024. p. 203-205.

<sup>30</sup> Genuflexão é um gesto de adoração e respeito que consiste em dobrar um joelho até o chão com o corpo ereto, significando reverência a Deus, especialmente diante da Eucaristia. (WIKIPÉDIA. Genuflexão. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Genuflexão>. Acesso em: 30. nov. 2025)

<sup>31</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception**. 2025, p. 38.

<sup>32</sup> *Ibid.*

que a definição de Cristo como consubstancial ao Pai era tanto uma decisão teológica quanto litúrgica.<sup>33</sup> A negociação conciliar demonstra que estabelecer Cristo no centro da adoração implicava afirmar formalmente sua divindade, regular práticas comunitárias e criar normas que integrassem confissão e culto. O resultado foi um equilíbrio cuidadoso entre doutrina e liturgia: ao mesmo tempo em que o Credo esclarecia a natureza de Cristo, as normas litúrgicas garantiam que essa confissão fosse incorporada à vida prática da comunidade. Dessa forma, Niceia mostrou que a cristologia e o culto são inseparáveis, e que a afirmação da divindade de Cristo é inseparável de sua centralidade na adoração.

## **5. A HERANÇA LITÚRGICA DE NICEIA**

As decisões do Concílio de Niceia não apenas solucionaram a crise cristológica, mas também moldaram profundamente a liturgia cristã, criando padrões que perduraram ao longo da história e continuam a influenciar o culto contemporâneo. Ao definir a cristologia de forma inequívoca, Niceia proporcionou uma estrutura litúrgica que articulava confissão de fé e adoração centrada em Cristo, oferecendo à Igreja um modelo coerente de culto que integrava teologia e prática ritual.

### **5.1 A ênfase no triunfo da ressurreição no domingo**

Antes de Niceia, a celebração da Páscoa ainda era marcada por diversidade e variação entre comunidades. Influências judaicas, dificuldades de comunicação entre igrejas e contextos sociais distintos resultavam em datas diferentes para a celebração da ressurreição de Cristo, enquanto a importância do domingo como dia litúrgico central ainda não estava uniformizada. A decisão conciliar de padronizar a Páscoa como celebração da ressurreição de Cristo e de proibir o ato de ajoelhar-se no domingo introduziu uma dimensão profundamente simbólica e formativa no culto cristão. Essa uniformidade não apenas afirmava a ressurreição como eixo da liturgia, mas também transformava a prática corporal em expressão de fé, tornando o culto uma vivência concreta da centralidade de Cristo. Segundo Pallikunnel (2025), as legislações litúrgicas nicenas representaram um esforço consciente de traduzir teologia em prática, integrando

---

<sup>33</sup> *Ibid*, p. 42-43.

memória, tradição e celebração, de modo que cada gesto e cada ação no culto fossem reflexos da fé cristológica.<sup>34</sup>

## 5.2 A sinodalidade da Igreja

Niceia legou à Igreja um modelo de comunhão e discernimento que repercutiu diretamente na vida litúrgica. Ainda que o termo “sinodalidade”<sup>35</sup> seja posterior,<sup>36</sup> o impulso teológico que o sustenta encontra em Niceia uma de suas manifestações mais emblemáticas: a compreensão de que a unidade da fé se constrói de forma comunitária, colegiada e relacional.

Essa herança sinodal manifesta-se na liturgia como expressão visível da comunhão eclesial. A partir das legislações nicenas, o culto deixa de ser uma experiência fragmentada ou localista e passa a ser compreendido como ato da Igreja una, reunida em torno da mesma confissão e das mesmas celebrações e práticas. A sinodalidade modela o próprio culto, tornando-o espaço privilegiado de visibilização da unidade do corpo de Cristo.

## 5.3 O culto cristocêntrico e a memória de Cristo

Após o Concílio de Niceia, a adoração cristã passou a se articular de modo ainda mais explícito em torno da memória viva de Cristo: não apenas como um gesto simbólico, mas como o próprio centro teológico e existencial do culto. A confissão nicena, ao afirmar que o Filho é “da mesma substância do Pai” (*homoousios tō Patri*), consolidou o fundamento de uma liturgia que não apenas fala sobre Cristo, mas adora Cristo como verdadeiro Deus. Nesse sentido, a liturgia pós-nicena tornou-se uma extensão da própria teologia conciliar, transformando o dogma em doxologia.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> *Ibid*, p. 46.

<sup>35</sup> Sinodalidade (do grego *syn-hodos*) significa “caminhar juntos”.

<sup>36</sup> O termo “sinodalidade” é um neologismo (palavra recém-criada) que entrou no uso comum da Igreja Católica após o Concílio do Vaticano II (1962-1965), embora o conceito de “caminhar juntos” seja mais antigo. (FAGGIOLI, Massimo. **Sinodalidade para quem? Alianças sociais e modelos institucionais no catolicismo global**. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/609174-sinodalidade-para-quem-aliancas-sociais-e-modelos-institucionais-no-catolicismo-global-artigo-de-massimo-faggioli#:~:text=por%20uma%20reforma%20sinodal%20da%20Igreja%2C%20é,do%20Concílio%20esteja%20aberta%20a%20essa%20perspectiva>. Acesso em: 25 nov. 2025)

<sup>37</sup> McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: Uma Introdução. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 54-57.

Os escritos teológicos e litúrgicos do século IV refletem essa mudança de paradigma. Como observa Kelly (1960), a adoração cristã passou a ser moldada pela teologia trinitária e pela confissão nicena de Cristo como verdadeiro Deus.<sup>38</sup> A liturgia desse período tornou-se o principal espaço de expressão e consolidação da fé cristológica, em que orações e hinos proclamavam a encarnação, morte e ressurreição do Filho como o centro da experiência comunitária.

Essa ênfase na memória de Cristo não se restringiu a uma cerimônia específica, mas permeou toda a experiência do culto. Cada leitura bíblica, oração e hino passaram a funcionar como atos de recordação e proclamação, onde a Igreja reafirma a sua fé no Cristo que é Senhor sobre a criação e redentor da humanidade. Como aponta Pallikunnel (2025), o culto cristão se tornou, após Niceia, um espaço de encontro entre a ortodoxia e a doxologia, ou seja, a reta confissão gerava a reta adoração. Esse princípio teológico-litúrgico transformou o culto em um testemunho coletivo da espiritualidade cristã, articulando doutrina, comunhão e missão.<sup>39</sup>

No contexto das comunidades cristãs, especialmente aquelas que herdaram a tradição nicena, essa herança se manifesta na forma como Cristo é continuamente proclamado como centro e finalidade do culto. A pregação da Palavra tornou-se o lugar de reafirmação da verdade nicena (Cristo é Deus verdadeiro de Deus verdadeiro), enquanto os cânticos e as orações reforçavam a dimensão afetiva dessa confissão. A liturgia reforça seu caráter pedagógico, transmitindo ao povo de Deus, por meio da adoração, a compreensão correta de quem é Cristo. Dessa forma, o culto não apenas reflete a teologia de Niceia, mas também a perpetua como experiência comunitária.

Além disso, a noção de “memória” no culto cristão tem um caráter profundamente escatológico. Quando a Igreja recorda a encarnação e a ressurreição de Cristo, ela não apenas rememora um evento histórico, mas participa espiritualmente do Cristo presente, aquele que reina e há de vir. Essa consciência ressignifica o tempo litúrgico: cada domingo torna-se uma celebração da vitória de Cristo sobre a morte, ecoando a suspensão nicena do ato de ajoelhar-se no “Dia do Senhor” como símbolo da vitória do Ressuscitado. Assim, a liturgia dominical expressa uma esperança viva e reafirma a soberania de Cristo como centro da história e da adoração. A respeito disso, von Allmen afirma:

---

<sup>38</sup> KELLY, J. N. D. **Early Christian Doctrines**. 2. ed. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1960. p. 280-281.

<sup>39</sup> PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea: Background and Reception**. 2025, p. 42-44.

O culto é, de início, anamnese da obra passada do Cristo. Ao instituir a Eucaristia, isto é, o culto cristão, Jesus disse: TOUTO POIEITE EIS TEN EMEN ANAMNESIN (1 Co 11.24 s). A anamnese ou memorial é algo muito diferente de um mero exercício da memória. É uma reatualização, uma reconstituição do passado de forma a torná-lo presente, e um compromisso. "No contexto da cultura bíblica, "lembrar-se" equivale a "tornar presente e atual". Graças a esse tipo específico de "memória", o tempo não se desenrola no sentido de uma linha reta, mediante a justaposição irrevogável dos sucessivos períodos que o compõem. O passado e o presente se confundem. Torna-se possível uma nova atuação do passado. (...) Quando se trata da história da redenção, o passado é atual. Semelhantemente, então, em cada ato de adoração — e, na perspectiva do Novo Testamento, portanto, em cada ofício eucarístico — os que dele participam aprendem que são, eles mesmos, objetos do ato redentor efetuado na cruz. Mas o culto, enquanto anamnese, não é somente "reatualização do passado". Do ponto de vista dos que celebram a memória da morte de Cristo, ele é ainda um engajar-se no serviço do Cristo, uma confissão de fé. (...) Mas o culto cristão não recapitula somente a vida, morte e ressurreição de Cristo, tornando-as novamente atuais no presente. De fato, a história da salvação não se reduz a fatos meramente passados. Ela tem em si também algo que está por vir. Evidentemente não queremos com isso dizer que o futuro traga elementos complementares ou corretivos àquele momento crucial de toda a história da salvação, que é a encarnação do Filho de Deus, e particularmente a sua morte e ressurreição. Queremos, sim, dizer que o futuro trará a confirmação, a manifestação e o desabrochamento último e eterno desse momento central. Ao recapitular a história da salvação, o culto volta-se também para o futuro.<sup>40</sup>

Quando a Igreja celebra, canta e proclama, ela não apenas recorda uma verdade antiga, mas participa do mistério sempre atual da vida do Filho, cuja plena divindade fundamenta tanto a validade quanto a vitalidade do culto. Nesse sentido, a confissão de Niceia permanece não como um marco distante, mas como a própria alma da liturgia cristã, lembrando-nos de que toda adoração é autêntica somente quando nasce da verdade sobre quem Cristo é e converge para Ele como centro vivo e Senhor da Igreja.

#### **5.4 A coerência entre confissão e celebração**

O Concílio de Niceia legou à Igreja a convicção de que a fé professada nos credos deve encontrar sua correspondência concreta na experiência litúrgica. Não há ruptura entre dogma e adoração, mas continuidade: o que é afirmado na confissão de fé deve ser vivido, cantado e proclamado no culto. Dessa forma, fortalece-se um princípio estrutural da tradição cristã: a ortodoxia gera a doxologia, e a verdade teológica torna-se matriz da espiritualidade comunitária.

#### **5.5 A dimensão escatológica do culto**

---

<sup>40</sup> ALLMEN, J. J. von. **O Culto Cristão**: teologia e prática. 1 ed – São Paulo: ASTE, 1968, p. 33-34.

Outra herança decisiva do legado niceno encontra-se na dimensão escatológica do culto. A confissão de que Cristo “há de vir em glória” insere a adoração cristã numa tensão entre o já e o ainda não. Ao recordar a encarnação e a ressurreição, a Igreja não apenas olha para o passado, mas projeta-se para o futuro de Deus. Cada celebração dominical torna-se, assim, uma antecipação do Reino vindouro, uma espécie de ensaio da vitória definitiva de Cristo, alimentando a esperança da comunidade de fé na vinda de Jesus.

## **6. DE NICEIA À CONTEMPORANEIDADE**

O legado niceno permanece vivo no culto cristão contemporâneo, mesmo diante das transformações de estilo, linguagem e contexto cultural. A centralidade de Cristo, definida liturgicamente já no século IV, manifesta-se em múltiplas dimensões da adoração. A liturgia se mantém como espaço de reafirmação da confissão nicena, em que Cristo é reconhecido e celebrado como o Senhor verdadeiro, consubstancial ao Pai, eixo permanente de toda adoração.

### **6.1 Continuidade na liturgia histórica**

Historicamente, a centralidade de Cristo no culto pode ser observada em diferentes épocas e contextos culturais, independentemente das variações de forma. Desde a recitação do Credo e dos hinos cristológicos até a estruturação do domingo como dia de reunião e adoração, os cristãos buscavam refletir em seu culto a verdade confessada em Niceia: Cristo é o centro da fé e da comunidade. A liturgia funciona, nesse sentido, como um espaço pedagógico e confessional, em que a comunidade é continuamente guiada a reconhecer a divindade, a obra redentora e a presença de Cristo no seu meio.<sup>41</sup> Cada leitura bíblica, cada oração e cada cântico são manifestações concretas dessa centralidade, lembrando que o culto não é mero formalismo, mas a expressão viva da fé nicena em ação.

### **6.2 Desafios contemporâneos**

No mundo contemporâneo, o culto enfrenta desafios que podem comprometer essa centralidade. A tendência ao antropocentrismo, a ênfase excessiva na experiência

---

<sup>41</sup> GODOI, Mariane. **Música e Igreja**: teologia, história e prática da música no culto cristão. 1. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2025. p. 88.

sensorial, no entretenimento ou na performance musical no culto podem obscurecer o foco cristológico. Quando a centralidade de Cristo é negligenciada, o culto corre o risco de se tornar vazio, reduzido a uma experiência estética ou emocional, sem coerência doutrinária ou força formativa. Por conta dessa realidade, de acordo com Godoi, “corremos o risco de ter comunidades cristãs profundamente egocentradas, dependentes de experiências emocionais e espetaculares, fracas na fé e com pouco conteúdo bíblico”<sup>42</sup>.

A herança de Niceia, ao contrário, nos recorda que o culto é antes de tudo um espaço de confissão e de adoração, no qual a fé na pessoa de Cristo se manifesta de forma comunitária, coerente e transformadora.

### **6.3 Aplicações práticas para igrejas evangélicas**

Para a prática do culto na Igreja contemporânea, a centralidade de Cristo deve guiar todos os elementos litúrgicos. A pregação, por exemplo, precisa articular de modo claro a divindade e o senhorio de Cristo, de modo que a Palavra proclamada seja fiel à confissão nicena e conduza a comunidade a uma adoração informada e consciente. A música e os cânticos cristológicos desempenham papel complementar, mantendo vivo o conteúdo da fé e garantindo que o louvor seja centrado em Cristo, transmitindo tanto emoção quanto compreensão teológica. Além disso, a liderança eclesial cumpre função crucial, orientando a unidade litúrgica e doutrinária da comunidade, de maneira análoga ao papel do bispo na tradição histórica, assegurando que cada culto reflita coerentemente a cristologia confessional.

### **6.4 Lições litúrgicas de Niceia para o presente**

As lições de Niceia permanecem relevantes para o planejamento e a vivência do culto cristão hoje. A liturgia deve ensinar e formar a fé, educando a comunidade na confissão correta de Cristo, de modo que cada gesto, cada leitura e cada cântico sejam expressão concreta da centralidade do Senhor. É fundamental que a prática litúrgica integre teologia e ação, unindo a proclamação da Palavra, o louvor, a oração e a participação comunitária de forma coerente, garantindo que cada elemento reflita o eixo cristológico. Em última análise, Niceia não é apenas um marco histórico ou um registro doutrinário; trata-se de uma referência viva, que orienta a Igreja a estruturar o culto de

---

<sup>42</sup> *Ibid*, p. 77.

maneira cristocêntrica, unificada e espiritualmente formativa, assegurando que Cristo continue sendo o coração da adoração, como foi estabelecido há quase dois mil anos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Concílio de Niceia constituiu um divisor de águas na história da Igreja, estabelecendo não apenas as bases da ortodoxia cristológica, mas também os fundamentos de uma liturgia que reconhece e proclama a centralidade absoluta de Cristo. Suas deliberações sobre o Credo, a celebração da Páscoa e a postura corporal nos cultos tiveram repercussões que ultrapassaram o campo doutrinário, alcançando o modo como a fé é vivida e celebrada. Ao afirmar que o Filho é *homoousios* com o Pai, Niceia não apenas respondeu a uma controvérsia teológica; redefiniu o horizonte da adoração cristã, que passa a ser compreendida como resposta direta à revelação plena de Deus em Cristo.

Antes de Niceia, a diversidade litúrgica e a cristologia implícita marcavam as práticas das comunidades cristãs, moldadas por contextos locais e expressões particulares de fé. O concílio, porém, transformou essa pluralidade dispersa em uma unidade teológica e litúrgica coerente, consolidando uma adoração centrada na confissão de Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem. A liturgia passou, então, a assumir um caráter pedagógico e confessional, funcionando como espaço onde a doutrina se torna vida e a fé se expressa em comunhão.

Essa herança atravessou os séculos, sustentando a identidade da Igreja cristã e moldando sua compreensão do culto como encontro com o Deus trino revelado em Cristo Jesus. Mais do que uma prática ritual, a liturgia se apresenta como memória viva da fé, proclamando continuamente o mistério da encarnação, morte e ressurreição do Senhor. Em cada tempo e cultura, a Igreja é chamada a reviver essa herança, reafirmando que toda adoração autêntica nasce do reconhecimento de quem Cristo é e do que Ele fez.

Para a Igreja contemporânea, essa tradição nicena funciona não como uma relíquia histórica, mas como um convite à reflexão. Em um contexto de múltiplas expressões de culto, hermenêuticas e teologias fragmentadas, Niceia recorda que a verdadeira unidade eclesial se sustenta na confissão compartilhada de Cristo como centro da fé. Essa centralidade é expressa na proclamação do Evangelho, na reflexão bíblica, na oração comunitária e na música congregacional, nos quais Cristo é exaltado como o Senhor que redime, ensina e governa a Igreja. Preservar a herança nicena significa redescobrir o

vínculo entre teologia e liturgia, entre a confissão e a adoração, entre a ortodoxia e a vida prática comunitária.

Assim, pode-se afirmar que o Concílio de Niceia não apenas preservou a verdade sobre a pessoa de Cristo, mas também definiu o modo como a Igreja deve se reunir diante dele: em adoração. Sua herança litúrgica continua a ecoar nos cânticos, nas orações e nas proclamações da Igreja, convidando cada geração de cristãos a reafirmar que Cristo é o centro e o conteúdo da adoração. O mesmo Cristo que foi confessado como “da mesma substância do Pai” é aquele que continua sendo o foco da fé e da adoração. Retomar essa centralidade é, portanto, resgatar a própria essência do culto cristão: um culto que proclama, celebra e se submete ao senhorio de Cristo, em espírito e em verdade. A teologia nicena, portanto, não se limita ao passado, mas permanece como desafio e inspiração para a Igreja de todos os tempos, chamada a celebrar a fé sob a mesma confissão que uniu os pais conciliares: “Cremos em um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus.”

## REFERÊNCIAS

ALLMEN, J. J. von. **O culto cristão**: teologia e prática. 1. ed. São Paulo: ASTE, 1968.

FAGGIOLI, Massimo. **Sinodalidade para quem? Alianças sociais e modelos institucionais no catolicismo global**. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/609174-sinodalidade-para-quem-aliancas-sociais-e-modelos-institucionais-no-catolicismo-global-artigo-de-massimo-faggioli#:~:text=por%20uma%20reforma%20sinodal%20da%20Igreja%2C%20é,do%20Concílio%20esteja%20aberta%20a%20essa%20perspectiva>. Acesso em: 25 nov. 2025.

GODOI, Mariane. **Música e Igreja**: teologia, história e prática da música no culto cristão. 1. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2025.

INTERNATIONAL THEOLOGICAL COMMISSION. **The Commission on Synodality**: Synthesis and Historical Perspectives. Vatican City, 2021.

KELLY, J. N. D. **Early Christian Doctrines**. 2. ed. Nova Iorque: Harper & Row Publishers, 1960.

MÁRTIR, Justino. **I e II apologias**: diálogo com Trifão (Patrística). São Paulo: Paulus, 2014.

McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

PALLIKUNNEL, Geo. **Liturgical Legislations of the Council of Nicaea**: Background and Reception. Studia Patristica. Bengalore: Asian Horizons, 2025.

PAPANDREA, J. L. **Reading the Early Church Fathers**: From the Didache to Nicaea. Nova Iorque: Paulist Press, 2012.

ROBERTS, Alexander. **Didache**: The Teaching of the Twelve Apostles, c. 9-10. Disponível em: <https://www.earlychristianwritings.com/text/didache-roberts.html>. Acesso em: 31 out. 2025.

SANTOS, Davi M. **A sacralidade do corpo na liturgia**. Anais Eletrônicos da XXVIII Semana Teológica da Unicap. Recife, 2024.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.